

REFLEXÕES SOBRE A REINVENÇÃO A AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

REFLECTIONS ON REINVENTING TEACHING PRACTICE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION



ELIZETE BRITO DE SOUSA

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Universidade Nove de Julho 2010; Especialista em Alfabetização e letramento, 2013 e Docência do Ensino Superior pela Faculdade Universidade Nove de Julho, 2016; Professora de Educação Infantil – no CEI Ayrton Senna da Silva.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo promover alguns pontos de reflexões acerca da ação docente na Educação Infantil, fundamentando-se em estudo bibliográfico que discute as novas concepções de criança e infância. As concepções atuais defendidas por vários autores demandam uma revisão das práticas pedagógicas e uma releitura da postura profissional alinhada às necessidades e singularidades dos bebês e crianças, de forma que promovam uma prática pedagógica coerente com a vida real.

Palavras-chave: Educação infantil; Ação docente; Professor pesquisador.

ABSTRACT

This article aims to promote some points of reflection on teaching practice in Early Childhood Education, based on a bibliographic study that discusses new conceptions of children and childhood. Current conceptions defended by various authors demand a review of pedagogical practices and a reinterpretation of professional posture aligned with the needs and singularities of babies and children, in order to promote a pedagogical practice consistent with real life.

Keywords: Early childhood education; Teaching practice; Teacher-researcher.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi baseado em uma pesquisa bibliográfica, entrelaçando as ideias de alguns autores entre outros, que de certa forma possui grande influência em estudos e pesquisas que dialogam sobre a criança, infância e o papel da ação docente na educação infantil.

Defende-se aqui a perspectiva de que a criança é um ser social e de direitos. Não é pretensão deste artigo, criar novas abordagens, conceituar práticas, mas sim promover uma reflexão de forma que cada educador possa refletir e compreender melhor seu papel e suas ações com coerência e atendendo as reais necessidades dos bebês e crianças que frequentam os centros de educação infantil.

Sendo a educação infantil, a primeira etapa da educação básica prevista nas legislações brasileiras e reforçada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. A visão sobre a infância e a criança vem culturalmente sendo estudada por diferentes áreas do conhecimento, tais como a sociologia da infância que traz importantes contribuição para que o educador, reflita e promova mudanças importantes na sua prática, rompendo com paradigmas tradicionais, que nem sempre dialoga com as demandas dos bebês e crianças da atualidade.

Por um longo período histórico, os bebês e crianças foram invisibilizados, pelo destaque dado apenas às suas incapacidades e a falta de maturidade. Nos tempos atuais, com avanços e estudos sobre a infância e a concepção de criança, já se sabe que a criança é um ser de direito, ativo, capaz, social e inserido num contexto cultural desde que nasce.

A indagação que pretende-se responder: é necessária uma reinvenção da ação docente na educação infantil?

No decorrer destas páginas, visa-se contribuir com educadores que atuam na educação infantil, para que haja mais compreensão e clareza na realização da sua prática, construindo um caminho onde deixa-se de ser um professor transmissor para adotar uma nova postura de pesquisador das infâncias.

A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO DE INVENÇÃO E HUMANIZAÇÃO.

A educação infantil por longos períodos manteve o foco do seu currículo na transmissão de conteúdos escolares, preparando as crianças para futuras etapas escolares, desconsiderando seus saberes e experiências de vida. O corpo dos bebês e crianças de certa forma eram silenciados numa visão desintegrada de corpo e mente.

Atualmente compreende-se que o ser humano não é só produto de sua genética, para Paulo Freire “a invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos.” (FREIRE, 1996. p. 51).

Desta forma, a interação com o outro, as emoções construídas, a cultura vivida, as diferentes maneiras de se comunicar, sentir, expressar, são complexas e superam a visão rasa da genética.

Um fator importante e muito discutido é a integralidade do sujeito, no sentido de não se separar corpo e mente, porque segundo Madalena Freire “Como seres humanos somos, de certa forma,

“programados” para aprender com o mundo, com as pessoas, nas relações que construímos e nas diferentes fases e momentos de nosso percurso de vida.” (DOWBOR, 2008 p. 59).

A infância contemporânea reconhece o bebê e a criança como sujeitos de direitos, produtos de cultura e portadoras de linguagens próprias. E para esta infância, que são múltiplas e ao mesmo tempo singular.

“Corpo que tem criança interna viva é corpo irrequieto e não parado, é corpo solto e não amarrado, é corpo falante e não mudo. Olhar de quem tem criança interna viva é olhar cheio e não vazio, é olhar brilhante e não opaco, é olhar direto e não evasivo.”

(DOWBOR, 2008 p. 28).

Pensar a educação infantil como espaço de invenção exige profundas mudanças no ambiente escolar e na postura educativa, capazes de acolher a diversidade e as diferentes potências que trazem os bebês e crianças, que frequentam a educação infantil.

É antes de tudo romper com a prática de mero transmissão de conhecimentos para dar espaços a criação, a experimentação e autoria infantil, a organização de tempos, espaços, materialidades e possibilitar a exploração, pesquisa e experiências de forma não padronizada.

Assumir prática humanizadora, é compreender que:

“aprendemos porque somos seres humanos e nos tornamos humanos pelo ato de conhecer o mundo; ou seja, nosso processo de “humanização” é marcado ao longo da nossa história de vida.” (DOWBOR, 2008 p. 61).

A ação humanizadora está também presente nas interações de qualidade, nas ações acolhedoras, que respeitam os diferentes ritmos, emoções e diversidades presentes no cotidiano de vida dos bebês, crianças, educadores e todos que frequentam.

BEBÊS E CRIANÇAS COMO CENTRO DO PROCESSO EDUCATIVO

Antes de pensar a criança como o centro do processo educativo, faz-se necessário compreender de qual concepção de criança estamos falando.

Fala-se no decorrer deste artigo enxergá-la como traz as Orientações Normativas nº 01/13 Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares, (2014, p.13) “pessoa capaz que tem direito de ser ouvida e de ser levada a sério em suas especificidades enquanto “sujeito potente”, socialmente competente, com direito a voz e participação nas escolhas.”

O planejamento para atender às tantas potencialidades que existem na jornada de vida de uma criança, exige compreensão de quem ela é, do que gosta, quais manifestações e interesses demonstram nas suas diferentes formas de interação e partir delas organizar tempos, espaços e materiais que permita ampliar suas curiosidades para construir suas aprendizagens.

Para que a criança seja o “o centro” o professor precisa abrir mão desse lugar, sair da posição de quem decide tudo sozinho, para adotar postura de mediador, o que oportuniza e é capaz de organizar

de organizar os tempos, os espaços e materiais, mas não a partir de suas decisões e sim partindo da escuta e das observações cotidianas.

“...é preciso que a equipe tenha clareza de que o centro é a criança e que a proposta pedagógica deve ser construída com e para ela. Assim, toda essa articulação deve se efetivar pela escuta ativa e atenta das crianças.” (Currículo Cidade Educação Infantil, 2019. p.182).

Por meio de outras reflexões os adultos precisam adquirir capacidades de aceitação, a partir da compreensão de que bebês e crianças são sujeitos, que possuem desejos, sentimentos e realiza múltiplas interações próprias, ou seja, ela não aprende só quando ensina, ela aprende o tempo todo nas relações que estabelecem com o meio, as pessoas, os objetos e assim apropriam-se do conhecimento de mundo, sendo mais eficaz quando ocorre por meio de suas experiências.

Viver um planejamento participativo, “não pode esquecer que não planejo sozinho - ninguém organiza a ação do outro por ele.” (FRIEDMANN, 2022 p. 100).

De fato, para que a criança tenha seus direitos respeitados, e usufrua deles, sendo protagonista de seu processo de aprendizagem a “professora de educação infantil tem como compromisso realizar intervenções pedagógicas que ampliem as experiências e descobertas das crianças a respeito do mundo que as cercam” (Currículo da Cidade Educação Infantil, 2019 p. 132).

Respeitar a criança segundo Adriana Friedmann:

“passa pelo compromisso de apresentar a elas e vivenciar com elas valores, introduzir ritmos, repertórios multiculturais, apresentar conhecimentos universais, compartilhar e mostrar o valor da vida em comunidade...” (FRIEDMANN, 2022 p. 21.)

As reflexões apontam para que a criança seja o centro de todo processo educativo é preciso romper com atitudes adultocêntricas, para levar em consideração os saberes e a forma de ser e cada criança no contexto do seu tempo real, o presente. E somente por meio da escuta de cada uma delas, sendo ético, pesquisar e interessado, garantindo espaços para os imprevisíveis que surgem no viver as relações cotidianas. Essa é uma necessária reinvenção da prática dos professores.

O DOCENTE COMO PESQUISADOR E PROTAGONISTA DA PRÁTICA

Busca-se subentender aqui, o docente como pesquisador é protagonista da sua prática, e para tanto, não é preciso invisibilizar o protagonismo das crianças. Afinal, o professor é o sujeito do conhecimento, o que observa, escuta, oportuniza, replaneja, organiza, interage.

Entre tantas demandas presentes nos fazeres da prática docente, existe a necessidade de atualização constante, por ser o sujeito do conhecimento. Compreende-se atualmente que as crianças aprendem por meio da interação, da brincadeira, do contato com a vida, atuando como pesquisador, é antes de tudo refletir sobre sua ação e sobre o contexto que atua.

Para romper com práticas que presa pela quantidade de “atividades” e pela busca do produto final, que para Fátima Freire Dowbor “...perde-se assim, mais uma vez, a oportunidade de oferecer às crianças o que deveria ser natural: tempos, espaços de viverem suas infâncias” (2008, p. 20).

Assim, reinventar a prática docente aqui, remete a transformar a rotina em espaços de investigação e criação, valorizando a autonomia e a autoria docente, parece simples, mas fora da pesquisa e estudos, não há atualização e reinvenção da prática.

Usando como estratégia o planejamento participativo, quer dizer que o professor está totalmente comprometido com o processo de pensar e organizar sua paraíba para que, partindo de sua própria organização, possa com seus alunos construir a história do grupo. (DOWBOR, 2008 p. 97).

As novas demandas pedagógicas, exige um profissional docente que seja um “investigador permanente”, defendido por Loris Malaguzzi.

Para finalizar e de acordo com o Currículo Integrador da Infância Paulistana - SME -SP. (2015, p. 39), os professores são os “protagonistas que organizam as condições para o protagonismo dos bebês e crianças.” Ambas ações se completam.

A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

A documentação pedagógica pressupõe uma observação atenta das potencialidades, singularidades e competências das crianças. Ela fornece elementos da sua história e memórias de sua vida no individual e no coletivo.

Para tanto, não se desenvolve no improviso ela precisa ser previamente planejada.

Ação que precisa ser refletida e reinventada, documentar o percurso traçado e acompanhar as aprendizagens por meio de diferentes linguagens (vídeos, fotos, áudio, exposições, produções infantis, o registro diário, entre outros), faz necessário a clareza no olhar, pontos chaves são o interesse pela infância e a documentação pedagógica que dê conta da criança real, concreta no seu tempo “o presente”.

Na Educação infantil, avaliar é documentar o percurso percorrido, valorizar o processo e não tem a intenção de promover para ciclos futuros e sim narrar seus interesses, curiosidade, hipóteses referentes ao vivido. “O seu sentido e a sua potência estão no poder de desvelar a realidade.” (Currículo Cidade Educação Infantil, 2019 p. 146).

Em outras palavras, documentar para comunicar, para dar visibilidade e para replanejar a prática pedagógica, é um processo reflexivo e dinâmico.

Segundo currículo da Cidade Educação Infantil (2019 p. 146). “A documentação pedagógica nos permite assumir a responsabilidade pela construção dos significados e chegar às nossas próprias decisões sobre o que está acontecendo no processo educacional”.

Materializar as observações e escuta das interações, contribui para revisitar o planejamento junto a prática, porque é capaz de evidenciar as experiências vividas, a intenção das propostas e o percurso das aprendizagens dos bebês e crianças.

Defende-se aqui a luz da teoria para evidenciar olhares transformadores, alinhadas à prática que considera a realidade de vida de todos os envolvidos e conta o processo vivido e não apenas o produto final.

A FORMAÇÃO CONTINUADA COMO METODOLOGIA DE TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA

A formação continuada, muitas vezes pautada na ideia de formação em serviço, defendida pelo currículo, está pautada na troca entre pares e no diálogo com as experiências das crianças.

Não se nega que a formação continuada é um pilar fundamental para atualizar e transformar a ação docente, sem ela dificilmente pode-se pensar em reinventar uma ação docente.

Para Selma Garrido Pimenta, “pensar a formação do professor como um projeto único englobando a inicial e a contínua” ... “a formação envolve segundo a autora um duplo processo: o de autoformação e o de formação nas instituições escolares que atuam.” (2012, p. 35)

Refletir sobre a ação e abre a reflexão da ação, é uma identidade construída por cada professor, que forma a sua identidade sendo muito necessária para uma atuação de modo a “conquistarem consciência e sensibilidade social”. Educá-los como intelectuais críticos capazes de ratificar e praticar o discurso da liberdade e democracia.” (2012, p.35).

Tornar-se um professor pesquisador, exige estudo contínuo, reflexões presentes, redirecionar o olhar, segundo Sandra Azzi:

“O trabalho docente constrói-se e transforma-se no cotidiano da vida social; como prática, visa à transformação de uma realidade, a partir das necessidades práticas do homem social”. (2012, p.45).

Não parece ser possível diante a pesquisa realizada pelos autores a transformação da prática docente, sem agregar ao seu fazer pedagógico, a vida social.

Paulo Freire, traz contribuição de que “Não há ensino sem pesquisa.” (1996, p.29). Reinventar a prática docente não é um ato isolado, ela dialoga diretamente com o processo permanente e coletivo que são proporcionados nas formações continuadas, mas que há espaço para troca e para que todos compartilhem seus conhecimentos construindo ao longo de sua vida pessoal e profissional.

Há a necessidade de investimentos e de políticas públicas, que de fato promovam investimentos, para qualificar a educação, sem que essa seja mais um fardo jogado nas costas dos professores. Educação de qualidade exige participação democrática, investimentos e envolvimento de todos.

PARA CONCLUIR: É NECESSÁRIA UMA REINVENÇÃO DA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Pode-se concluir perante as reflexões apresentadas no decorrer deste artigo, que sim, é extremamente necessário e urgente a reinvenção da ação docente.

Apesar das transformações não serem responsabilidade unicamente do educador, ele tem papel fundamental, de compreender a criança em seu tempo, de realizar práticas humanizadoras que acolha as singularidades e as demais necessidades, presente na criança concreta e real, que vive num mundo onde ela faz parte e tem saberes construídos ao longo de sua existência.

Saberes que quando desconsiderados, pela ação adultocêntrica, inviabiliza as potencialidades dos bebês e crianças.

É urgente construir um novo olhar, guiado pelas pesquisas atuais, e por aquelas não tão atuais, mas que ainda são novas na presença da prática docente. (2012, p.45).

Não basta, e não dá conta das múltiplas infâncias a reprodução de práticas tradicionais, num contexto contemporâneo que vivemos, com fortes influências midiáticas, com excessos de informação e com rápidas transformações que sofremos no nosso modo de vida pela presença tecnológica.

Adotar a escuta e observação, são pontos de transformações riquíssimas para práticas que dialogam com a vida, que está sendo vivida pelos bebês e crianças em tempo real.

Há a necessidade de qualificar a formação continuada dos profissionais, dando luz às ações realizadas com os bebês e crianças, considerando tempos, espaços e materialidades que sustentam as aprendizagens significativas, quando o professor tem clareza da ação que realiza.

Reinventar a prática docente é ressignificar as ações docentes, é compreender a realidade, é ter clareza da necessidade de mudanças, é mudar para atender com qualidade os bebês e crianças e ao mesmo tempo, é atuar com mais eficácia e segurança, e não pode-se dar longe da atitude pesquisadora de quem educa.

REFERÊNCIA

PIMENTA, Selma Garrido e org. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8ª edição. São Paulo. Editora Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 39ª edição. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2009.

FRIEDMANN, Adriana e org. **Olhares para as crianças e seus tempos. Caminhos, frestas, travessias**. 1ª edição. São Paulo. Editora Passarinho, 2022.

PMSP - Prefeitura Municipal de São Paulo. **Orientação Normativa nº 01/13. Avaliação na Educação Infantil: Aprimorando os olhares**. 2014.

PMSP - Prefeitura Municipal de São Paulo. **Currículo Integrador da Infância Paulistana**. 2015.

PMSP - Prefeitura Municipal de São Paulo. **Currículo da Cidade Educação Infantil**. 2019.

FARIA, Ana Lúcia Goulart; FINCO, Daniela. **Sociologia da infância no Brasil**. 2º Edição. São Paulo. Editora Cortez, 2008.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Revista Pátio, n.29, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília. MEC, SEB, 2012.